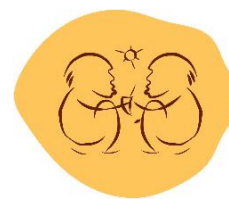


As Sombras e o Corpo Donde Procedem

ou O Mundo das Artes como Princípio Educativo em Policiano¹



Sandino Hoff²

Introdução

Há alguns anos dedico-me a um estudo que busca reconstituir as propostas educacionais, elaboradas por pensadores que não são considerados pedagogos, mas que elaboraram diretrizes para a formação do homem. Esses ensaios têm uma abordagem metodológica que privilegia o ser temporal-histórico do pensamento, ou seja, tentam restituir as ideias a seu lugar de nascimento.

Para isso, foi preciso expungir o conceito de “essência humana” de seu caráter idealista e materialista intuitivo e entendê-lo como resultado histórico das objetivações materiais e culturais, efetivadas pela atividade laborativa do conjunto de homens. Este cria produtos que, somado à totalidade de objetos já realizados, noutros tempos objetivados, formam a essência humana, de acordo com a sexta tese sobre Feuerbach: “A essência humana não é algo abstrato, interior a cada indivíduo isolado. É, em sua realidade, o conjunto das relações sociais” (MARX/ENGELS, 1982, p. 13).

A atividade dos homens fala alto nessa concepção, porque, ao transformar a natureza, modificam-se a si próprios. Graças à universalidade que caracteriza o trabalho, todo objeto criado torna-se objeto do agir humano. É o que fundamento dessa forma:

Os objetos produzidos exigem a construção de novos objetos, na conexão ativa com outros homens; e as novas necessidades exigidas desenvolvem também habilidades, destrezas, sagacidades e ciências, para construir outros tantos produtos e saberes. Tudo isso resulta em novos conhecimentos cada vez mais completos do mundo objetual. (HOFF, 1989, p. 143)

¹ Artigo revisado, originalmente publicado na revista **Intermeio**, Campo Grande, MS, v.2, n.4, p. 4-20.

² Doutor em Educação. Professor aposentado da Universidade Estadual de Mato Grosso e professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera-UNIDERP.

O mundo dos objetos amplia-se e o conhecimento humano sobre ele é universal porque a atividade humana é uma atividade universal. E a pedagogia é dada pelo estudo do conteúdo e da forma de realização do mundo objetivado, da humanidade em cada ser humano (HOFF, 1989, p. 144).

O leitor talvez estranhe o termo *objetual*, utilizado nesse e em outros artigos. O termo foi cunhado para expressar o conjunto das relações sociais ou o conjunto das objetivações humanas. A História Objetual da Educação tem sua raiz nesses pressupostos ontológicos. Não há história sem o ser social, como não há ontologia sem a história. A atividade humana produz objetos materiais e imateriais; por isso, existe história. A historicidade social está presente quando se tenta restituir o pensamento de Policiano e suas diretrizes educacionais a seu lugar de nascimento, ao seu ser histórico-temporal, ao seu mundo objetual.

Ao comentar os escritos de Ângelo Policiano, o que nos vem à mente é a validade e a utilidade de propagá-los. O seu valor refere-se aos conceitos de filósofo, de gramático e de outros ofícios intelectuais que existiram no final do Quatrocentos, em uso escolar e em formas de viver e de pensar dos homens contemporâneos do autor. Tentarei enraizar esse conteúdo no seu ser histórico, isso é, abordá-lo sob o aspecto da existência desses homens, assim entendido: o escrito “Lâmia” revela que as pessoas buscavam novos modelos e novas formas de viver e de pensar; refletiam sobre o presente à base das “corujas antigas, sábias de verdade” (POLICIANO, [1493], 1989, p. 16) e dos empreendimentos artísticos da Florença.

É nessa perspectiva que vou analisar os textos de Ângelo Policiano, como uma necessidade de considerá-los enraizados no seu mundo. Como tal, o fenômeno espiritual e cultural, expresso nesses escritos, põe-se em relação com o ser-sujeito da história, a fim de que se manifeste a sua essência histórica. Outros textos do autor foram incorporados para compor ideias complementares.

Agnelo Policiano (Agnelo Ambrogini) nasceu em 1454 em Montepulciano e morreu em Florença em 1494. Filho mais velho de quatro irmãos, tinha dez anos quando seu pai foi assassinado numa emboscada. Com a ajuda de um primo de Florença, realizou seus estudos. Argyropoulos, o bizantino comentador de Aristóteles, foi seu colega de trabalho; Landino foi seu mestre. Educou-se e trabalhou numa cidade cheia de monumentos históricos, de sábios matemáticos, geômetras e filósofos, de arquitetos, pintores, escultores e poetas.

Para que se tenha um ponto de apoio para essa afirmação, recordamos que, à época, a Igreja de Santa Maria da Flores com sua famosa cúpula estava concluída por Brunelleschi, que, também, havia revolucionado a prática e a teoria aplicadas à construção. Alberti já havia escrito “De Pintura” e havia terminado a fachada da igreja gótica de Santa Maria Novella, onde utilizou o princípio de Vitrúvio (De Arquitetura, ano 25, AC) da composição modular, assumindo o quadrado como módulo compositivo. Beneveni havia combinado a leitura dos antigos com a experiência direta e pode fundar a anatomia patológica, na segunda metade do século XV. A igreja românica dos Santos Apóstolos, antiga catedral de Florença, e seu portal renascentista de mármore estavam ali na Piazza del Limbo.

A força renovadora dos humanistas no campo da ciência trouxe Brunelleschi, Donatello e Masaccio a reinventarem a perspectiva dos gregos e a aplicarem nas suas respectivas artes; assim, renovaram a linguagem do sistema plástico e a cultura arquitetônica. As igrejas de São Lourenço e do Espírito Santo são monumentos da “Scuola di Brunelleschi”. Ghirlandi aplicara toda a técnica atualizada na igreja Santa Maria Novella.

Policiano pode observar as esculturas de Ghiberti (Oratório de São Miguel), de Nanni di Banco (Duomo), de Donatello (Oratório de São Miguel); pode apreciar os bronzes, parcialmente dourados de Ghiberti e de Brunelleschi, nas portas do Batistério; os afrescos de Masaccio; o Palazzo Rucellai de Alberti, o Palazzo Medici-Riccardi; as pinturas dos irmãos Rosselino (S. Miniato al Monte), de Fra Fillippo Lippi (Catedral do Prato, perto de Florença), de Ghirlandaio (S. Trinità) e de Boticeilli (Uffici). Mantegna havia pintado “Adoração” em Florença e “Morte da Virgem” em Prato. Todas essas obras artísticas estavam à vista e à formação pessoal de Policiano.

Não podemos deixar de listar Castiglione, Erasmo, Marsílio Ficino, Machiavelli, Pico de la Mirandola, Verrochio, Mantegna, Leonardo da Vinci e Piero dela Francesca, artistas de todos os ramos, contemporâneos de Policiano.

Trata-se de mostrar apenas uma parte significativa do universo das artes florentinas e das cidades-nação adjacentes, porque elas foram imprescindíveis para a formação de Policiano. Florença era uma cidade voltada para o comércio à longa distância e local de fábricas de manufatura e de bancos.

Policiano ensinou lógica e dialética no Studio de Firenze e o fez conforme o movimento renascentista. Animou a cultura popular e as festas florentinas, descreveu os vendedores nas bancas, os prestidigitadores e as apresentações dos artistas nas

praças (GARIN, 1994, p. 133). Educou Pietro e Giovanni, filhos do mecenas Lourenço de Médici. Giovanni tornou-se cardeal aos 14 anos e papa aos 38, com o nome de Leão X, grande impulsionador da escultura romana e, também, foi o papa que expediu a bula contra as reformas religiosas de Lutero em 1521. Na sua função de preceptor, o gramático reclamou de Lourenço Médici que a progenitora de Giovanni tenha permitido ao menino ler o Saltério, o que ele não aprovava devido ao péssimo latim contido no livro da Bíblia. O texto da carta encontra-se em “**Omnia Opera Politiani**”, na Biblioteca Laurentina de Firenze.

Foi poeta, educador, homem de estado, conselheiro e tradutor. Serviu-se do latim e do grego nos seus escritos. Traduziu a “**Ilíada**” em versos latinos. Nos últimos 15 anos, exerceu o ofício de crítico filológico e de magistério filosófico. Formulou uma pedagogia a propor a formação de homem deste mundo, à base das obras artísticas da Itália e, especificamente, da cidade-nação Firenze.

Fundamentos da Pedagogia de Policiano

Uma pedagogia laica, tal como Policiano a entendeu, não se constrói contra o ensino religioso, mas com os pensadores antigos, com “as corujas antigas”. O Saltério não servia à educação de Giovanni não por ser um texto religioso, mas por estar escrito num latim horrível. A pedagogia laica é um aprendizado sobre a natureza, o que contribui para a autonomia das pessoas, a fim de que o indivíduo se liberte do destino e dos deuses, mediante a formação, a fim de que o educando não fique “à mercê dos deuses ou da sorte” (POLICIANO, [1493], 1996, p. 9). Ele próprio orienta três colunas basilares.

O objeto de estudo da filosofia e da pedagogia é a natureza: “A natureza é o mais belo espetáculo das coisas” (POLICIANO, [1493], 1996, p. 9). Os filhos que provêm de “pais extraordinários, sem mácula no passado, troncos retos por natureza, árvores de leis”, são os que melhor se formam: “Uma estátua de Mercúrio não sai de qualquer tronco” (POLICIANO, [1493], 1996, p. 9).

A natureza é o primeiro fundamento da pedagogia. Mas, há uma segunda coluna a ser verificada: a distinção entre o homem e o animal. Expõe o que é caro a todo humanista: o homem está no centro do universo. A distinção se encontra na inteligência e na razão. Não se trata mais do *Logos* divino de quem o *Logos* humano é partícipe e a quem está subordinado; é a razão humana que está no centro do mundo, a coordenar o poder do homem não enfraquecido pelo jejum. O humanismo assumiu que o homem,

colocando-se acima da natureza, plasma-a conforme suas próprias exigências e instaura seu reino sobre ela.

O terceiro fundamento da pedagogia de Policiano decorre do segundo: a filosofia dita a ação do homem sobre a natureza. Ser é atividade. Evidentemente, somente os esclarecidos, os intelectuais, os homens políticos - os que nasceram de troncos saudáveis e retos - são seres que podem exercer uma prática transformadora. Pode-se relacionar esse traço de ativismo empreendedor ao desenvolvimento das manufaturas iniciais e do comércio de Florença. As relações sociais manifestam-se na forma de pensar e de constituir a formação dos indivíduos. Os Médici incentivaram as manufaturas, operaram seus bancos e patrocinaram os artistas. Geraram, também, o seu contrário: os grêmios e as atividades democráticas da pequena burguesia.

Os executores eram considerados árvores de lei! Policiano, por sua vez, descartou todos os arbustos sem consistência: “Deixando ao povo vil”, “os que escolheram os trabalhos mais vis”. Assumiu o posicionamento do general grego Temístocles que “inspecionava os cadáveres dos soldados bárbaros depois da batalha. Vendo, espalhados por terra, colares e anéis de ouro, passou de lado não sem antes avisar a um de seus ajudantes: - Anda, apanha-os tu pois não és Temístocles” (POLICIANO, [1493], 1996, p. 13).

O gramático considerava as pessoas, que põem em prática a filosofia, não pertencentes ao povo, mas, abertas para a luz (platonismo!), confiantes nas suas próprias forças. Florença é resultado e prova do individualismo competente.

O Ser Histórico-Temporal da Cultura Florentina

A referência às manufaturas iniciais traz a ligação com a indústria têxtil florentina que se expandiu muito no século XV. O reinado da moda estava em alta. A economia de Florença expandiu-se com a indústria de lã e de seda, com o comércio e com as operações financeiras de bancos. Os comerciantes florentinos do Quatrocentos tinham sucursais em todas as cidades-nação da Europa. Em consequência, acumularam uma capacidade de cálculo e uma visão racional, chegando ao conhecimento profundo em matérias de negócios. As oficinas comerciais e industriais disseminadas no mundo europeu eram ao mesmo tempo bancos. Os empreendedores principais foram os Albizzi, apeados do poder por Cosme Médici, além das casas Strozzi e Médici, os mais poderosos banqueiros de Florença.

O comerciante principal foi Matteo Villani. Também foi o ideólogo da alta burguesia e dava o tom da intelectualidade. Ele e Coluccio Salutati, de 1373 até 1406, mantinham os governos fundados numa ideologia inteligente por meio de sua intelectualidade aguda. Imprimiram a contradição social na política florentina, porque deram conteúdo intelectual à vida política e ergueram a bandeira da liberdade contra a opressão da política papal. As lutas democráticas nas cidades burguesas são assunto importante para se compreender o movimento político e econômico dos governos autoritários que surgiram ao final do Quatrocentos. Estes, vencendo os grêmios, as seitas e a pequena burguesia em geral, centralizaram o poder nas mãos de governos absolutistas progressistas de Lourenço de Médici e de outros governantes das cidades-nação (SKINNER, 2000, p. 172; KOFLER, 1971, p. 97s).

Desde Cosme Médici, no começo do século XV, a atividade dos homens empreendedores, cultivados sob o Renascimento, tinha por base a filosofia que leva à ação, que se manifestou em toda sua plenitude nas obras de arte e no poder econômico. Proponho aqui duas fases distintas da sociedade florentina do Quatrocentos.

A primeira delas foi a das grandes obras arquitetônicas em Florença, à época do mecenato de Cosme de Médici. A atividade dos homens empreendedores - a filosofia leva à ação - manifestou-se em toda sua plenitude nas obras de arte e no poder econômico dos negócios comerciais e de bancos, de um lado, e, de outro, na instalação das manufaturas iniciais na produção, a cargo dos grêmios medievais. A capacidade de cálculo e a visão racional da realidade dominavam nas mentes dos indivíduos. Tem-se o exemplo do início do século XV, quando o arquiteto Mignot resolveu continuar a construção da Duomo de Milão e todos argumentavam inexistirem as formas que o arquiteto quis colocar em ação, isso é, substituir o **ad quadratum** pelo **ad triangulum** na construção. Mignot estava utilizando os cálculos matemáticos e a mecânica (física) que aprendera. Dizem os historiadores que o arquiteto teria dito: “**Ars sine scientia, nihil est**” (Arte sem ciência, não é nada).

A produção cultural refletiu os novos tempos com Brunelleschi que construiu os 40 metros de diâmetro da cúpula de Santa Maria di Firenze e pintou seu interior, graças às técnicas novas (HELLER, s.d.).

As orientações políticas do Estado foram dadas, inicialmente, pelos comerciantes chanceleres. Coluccio Salutati, ao final do Trezentos, foi chanceler em Florença e ajudou a conformar a vinculação entre uma vida cultural renovadora e uma precisa e definida vocação política e civil (KOFLER, 1971, p. 97s).

Os humanistas adotaram, em termos gerais, a ideologia da alta burguesia, a despeito de sua consideração com os pobres, como Vives, Erasmo e Morus, e com a cultura popular, como Policiano. Alberti desenhou um monumento para Malatesta, o tirano de Rimini; Pietro della Francesca pintou o retrato de Gonzaga, o absolutista de Mântua; Brunelleschi, Ghilberti, Policiano, Pico della Mirandola e Marsílio Ficino foram patrocinados pela família Médici. O conde Sabbionetta patrocinou vários artistas que construíram monumentos entre Parma e Mântua. Os Visconti e os Sforza prestigiaram os artistas de Milão. Os Ferrante e os Este patrocinaram a arte. Os papas Júlio II e Leão X foram mecenas para as artes (SKINNER, 2000, p. 62s).

O desenvolvimento tecnológico das manufaturas iniciais em Florença ainda não tinha assumido na consciência dos homens o objetivo de criar uma sociedade que renovasse toda a produção material ou que transformasse radicalmente a sociedade. Na produção, é bom registrar, não predominava ainda a repetição contínua de uma atividade que pudesse se beneficiar dos resultados das ciências naturais e que pudesse formar a consciência individual e social em termos de objetividades opressoras, como aconteceria mais tarde com a inversão sujeito/coisa.

As leis objetivas de uma produção a dominar os indivíduos ainda não se faziam presentes. Não havia ainda a racionalidade coisificada de todo o ser social, embora a racionalidade acompanhasse o pensamento burguês desde o início, inclusive na sua expressão primitiva no pensamento das seitas religiosas. A revolta dos trabalhadores na indústria de lã em Florença, em 1378, conhecida como a insurreição dos *Ciampi*, já havia demonstrado o grau de desenvolvimento da produção e da racionalização nos negócios. A consciência social limitava-se a não querer mais pensar, produzir e viver como se estava fazendo, mas, ainda não tinha a consciência da objetivação do trabalho ou da transformação das relações sociais que mal suportavam.

O absolutismo de Lourenço de Médici (1449 a 1492), modificou as coisas. Converteu o governo em despotismo e muitos humanistas, inclusive Policiano, se afastaram de seu mecenato. Com a falência dos banqueiros, Médici terminou a estreita ligação que havia entre política e cultura. Cosme de Médici tinha sido um empreendedor das artes florentinas; Lourenço, seu neto, patrocinou somente as artes menores e exportou os artistas para Urbino, Roma e a outros centros. Permaneceram em Florença os poetas, filósofos e intérpretes da filosofia - com pouco financiamento à disposição dos artistas. Os estudos platônicos sobrepuseram-se à filosofia da ação. O entendimento da formação - a pedagogia de Policiano - modificou-se também e se orientava para formar indivíduos despertos para a ação, de acordo com a nova realidade dominada pela

burguesia mercantil e financeira. Entretanto, ele não esqueceu as grandes obras arquitetônicas de Florença nos conteúdos de sua pedagogia.

As manufaturas do Quatrocentos introduziram um incremento da divisão técnica do trabalho, principalmente, nas manufaturas de lã. O trabalho racionalizado e objetivado, porém, ainda não manifestava a opressão do trabalho nas consciências dos trabalhadores: “Os homens daquele tempo ainda não tinham uma consciência clara sobre a contradição existente entre a atividade livre dos indivíduos e o destino, entre a liberdade e a necessidade, entre a ação e a contemplação” (HOFF, 2009, p. 46). Por isso, prefere-se denominar a produção como manufatura inicial.

Nas manufaturas iniciais já reinava a divisão técnica do trabalho, mas, seu desenvolvimento deveu-se mais à poupança e à vida frugal que amalhava um dinheiro para a produção da manufatura inicial. À época, a alta burguesia, à maneira dos nobres, também não alocava capital para a produção; esbanjava dinheiro na construção de grandes obras.

Nessa perspectiva, a alta burguesia - constituída pelos absolutistas progressistas, humanistas, financistas e grandes comerciantes - colocava-se em oposição ao feudalismo fechado em produção local; entretanto, eram o clero e os nobres que tinham condições de comprar as caras mercadorias negociadas pelo grande comércio. Resultou num compromisso entre as classes feudais dominantes e a alta burguesia. Os absolutistas progressistas postulavam o desenvolvimento das conquistas burguesas, sem, no entanto, aniquilar as duas classes feudais, porque estas eram os grandes compradores de suas mercadorias; por causa desse compromisso, não tinham programa para o futuro, além de recearem os movimentos revolucionários do povo” (HOFF, 2009, p. 46). Tinham a liberdade de burgueses saciados, diferente do conceito da pequena burguesia, composta por pequenos comerciantes, trabalhadores dos grêmios, em grande parte pertencentes às seitas religiosas. Estes não queriam mais viver como viviam, nem produzir como produziam; queriam modificar a ordem social, mas, também não possuíam um projeto social, nem poderiam tê-lo à época, dadas as condições sociais e históricas em que viviam (HOFF, 2009, p. 45).

A segunda fase da transformação social em Florença ocorreu com o absolutismo de Lourenço de Médici, que se afastou do povo, fechou-se em poder autoritário. Ele próprio gostava de retirar-se à casa de campo para meditar e demorava na Academia que ficava em Poggio a Caiano, entre montanhas, rochas e fontes, local próprio para banqueiro falido. Enfraqueceu-se a atividade de homens empreendedores. A contemplação substituía a ação.

Policiano, nesse momento, reencontrou Ermolau Barbaro que lhe apresentou a “verdadeira” filologia. Vivia em Fiesole, perto de Florença e se dedicou à poesia e à filologia. O ser empreendedor abriu espaço para o ser contemplativo. Platão tomou o lugar dos outros pensadores gregos.

Os objetivos iniciais do humanismo se modificaram. Os humanistas florentinos, também Polciano, desinteressaram-se da ação política, em grande parte porque os Médici fecharam-se em poder autoritário, afastado do povo. O neoplatonismo alastrou-se entre os intelectuais. Policiano pergunta: “Que homem de talento não anseia dedicar-se à filosofia”?

A cultura humanista florentina despreendeu-se de suas energias políticas e dos problemas mais concretos. Os pensadores gostavam de admirar as colinas descendo o rio Arno e o nascer das fontes (GARIN, 1994). Policiano, especificamente, era grande admirador da paisagem toscana.

O neoplatonismo desinteressava-se pela vida dos cidadãos face a um estancamento da vida civil e um republicanismo em retrocesso ante a força principesca. A filosofia especulativa adquiriu força na Florença ao final do século XV. Policiano dedicou uma parte de sua aula inaugural “Lâmia” aos filósofos. Adverte, porém, as Lâmias: não sou filósofo; sou gramático.

As diretrizes para a formação de um homem bom e competente, fornecidas por Policiano, contêm as duas fases do desenvolvimento de Florença.

A Proposta Educacional de Policiano

Às duas fases que retratam as transformações florentinas à época de Policiano tentarei ligar as concepções pedagógicas do autor, sem esquecer de afirmar que as diversas ideias pedagógicas de Policiano na realidade se complementam numa grande unidade de pensamento.

Somente os educados, os esclarecidos, os intelectuais e os homens políticos - os que nasceram de troncos sadios e retos - são seres que podem exercer uma prática transformadora. A formação não é para o povo, mas para os indivíduos abertos para a luz, que já aprenderam a dominar-se e a pôr em prática suas próprias forças. Florença é a prova disso.

A pedagogia de Policiano baseia-se em Cícero, Virgílio e, principalmente, em Quintiliano: formar um **vir bonus**, um homem bom. O termo nobreza recebe nova

conceituação: não mais a nobreza de sangue, mas a nobreza da aptidão para a superioridade moral e intelectual. A nobreza não vem do nascimento, mas do mérito pessoal (BURCKHARDT, 1991, p. 262s). Policiano cultivava a educação para formar um indivíduo nobre por sua obra, sua atividade e sua força. Nessa perspectiva, retoma a ideia de Quintiliano, a da ascensão do indivíduo na escalada da montanha. A ascensão é feita pelo indivíduo com a colaboração dos mestres e das artes florentinas. A alegoria da caverna tem aí seu significado de aclave para a luz, estimulado por quem já subiu. O estímulo é dado por mestres, poetas e artistas.

Ele dá importância à matemática e à geometria na sua proposta educacional (BURCKHARDT, 1991, p. 264). Ali reside um conteúdo fecundo: a matemática aplicada à construção dos monumentos artísticos. Brunelleschi, por exemplo, empreendera o estudo da matemática com Toscanelli e examinou as obras antigas. Na cúpula da igreja Santa Maria das Flores realizou um cálculo teórico e prévio de seu tamanho e de sua extensão. O sistema da perspectiva foi recuperado dos antigos, porque a arte necessita da ciência.

A resposta ultrapassava a competência de um mestre pedreiro. Mignot apelou ao matemático Gabriele Stornaloco, no final do Trezentos, que propôs uma fórmula, realizando a ligação entre as matemáticas e a arquitetura. Ante à oposição ao projeto feita por mestres dos pedreiros, Mignot teria pronunciado a célebre frase em latim. Os resultados na Duomo de Milão foram bem-sucedidos e podem ser vistos ainda hoje em dia.

Policiano resignou-se às diretrizes do mecenas que havia distribuído os grandes arquitetos para Roma e para outras cidades-nações. A filosofia, à época de Lourenço, tornou-se especulativa: “A filosofia não busca a ação, mas a contemplação” (POLICIANO [1493], 1996, p. 13). A política de Lourenço foi, especificamente, uma nova fase de governo que rompeu globalmente com o governo do povo que lutou contra os patrícios. Estes detinham o poder nas cidades que renasciam, mas, foi importante a participação do “populani” e de seus chefes nos governos das cidades-repúblicas. As lutas pelas representações do povo nos governos, travadas no século XIV e XV, foram perdidas. Os poderosos exércitos dos absolutistas progressistas derrotaram a participação democrática da pequena burguesia. O patriciado conseguiu reconquistar o poder e instalou o governo despótico das famílias Albizzi, Médici, Sforza, Scala, Visconti, Gonzaga, conhecidas pela introdução de manufaturas iniciais, de abertura do comércio e de finanças nas cidades-nações (HOFF, 2008, p. 45-49).

O aspecto inovador da pedagogia de Policiano iniciou-se com as conquistas culturais da época de Cosme de Médici, na fase das grandes obras arquitetônicas e na presença

forte de *Salutati* na política social. Completou-se à época em que vivia sob Lourenço de Médici, ao seguir a nova linha de financiamento de poetas, filólogos e filósofos, estabelecida pelo déspota. Dessa forma, inovou a pedagogia tendo por base as grandes obras arquitetônicas de Florença e a filologia unida à filosofia e à poesia.

O instrumento geométrico e mecânico, que substituiu o engenho como símbolo do artista-engenheiro, baseado na ciência, agora, foi substituído pela especulação do ambiente platônico, instaurado por Lourenço. Policiano agregou à ciência arquitetônica a ciência da palavra. Cultivou a palavra e a ligou à filologia e à retórica, esta entendida como ciência da palavra. Elegeu a poesia como a “mãe das artes”. Os escritos poéticos contêm, conforme ele, o essencial ao saber humano. O autor não abdicou do conteúdo formativo que são as obras artísticas de Florença, mas abdicou de sua posição política coletiva e se dedicou à formação do indivíduo.

A ascensão da montanha era o estímulo que alimentava a educação artística e tinha o ímpeto necessário à criação e ao ensino, denominado **laus**, louvor. Ao aluno o estímulo, produzido pela poesia e pelas obras arquitetônicas, é básico para favorecer o desenvolvimento de suas faculdades intelectuais e o desabrochar de sua personalidade. O conteúdo pedagógico tem o acento nas artes plásticas e, também, no poema.

É a poesia que dá o conteúdo principal da formação da cultura geral no indivíduo, fundada na história. Trata-se do “testemunho dos tempos, luz da verdade, vida da memória, voz da Antiguidade” (MISCELÂNEA, p. 32). Policiano, como os demais humanistas do final do século XIV, desenvolveram estudos sobre textos antigos. Interpretaram os escritos gregos e romanos, no intuito de que guiassem os jovens para um ideal de vida cívica e moral. Os estudos foram coligidos sob a denominação de **Studia Humanitatis**, sendo **humanitas** entendido como cultura geral (MÜLLER, 1984, p. 37). Policiano, nos seus cursos, fazia leituras comentadas de autores antigos, o que comportava uma análise gramatical extremamente minuciosa da palavra e da etimologia.

A **cohortatio** (estímulo) e a **auctoritas** (exemplo) são fundamentais para o sucesso da pedagogia da palavra, na ideia de Policiano. Esse ensino apareceu na aula inaugural dada pelo mestre. Ali se fala de **crescere** (crescer) e de **augere** (aumentar), além do adjetivo **generosus** sempre combinado com **arduus**. As **Praelectiones** (Lâmia é uma **praelectio**) seguiam um esquema praticamente imutável, de tradição secular, ou seja, do **Trivium** e do **Quadrivium**. A primeira parte das **Praelectiones** homenageava a **laus** (louvor) das artes liberais; a segunda referia-se sempre à **cohortatio**, ao estímulo para encorajá-los ao trabalho e ao empenho (MAÏR, 1996, p. 37s).

Em Lâmia, porém, a preleção tomou o brilho das cores e a animação das imagens, revelando sua poesia, sua arte. Apresentou-se contrária às preleções de outros mestres (MAÏR, 1966, p. 68), preleções secas e esquemáticas. Sandro Botticelli, conforme Franco (1990, p. 48), partiu “de textos do poeta e humanista florentino Agnolo Ambrogini, chamado Policiano, quando pintou *Batismo de Cristo e Anunciação*”.

Policiano abriu caminho para o reviver da arte grega. Nesse caminho, o literário veio antes da arte visual; a palavra, antes do monumento. O conteúdo emocional dos temas e o impacto dramático que uma obra pode causar no espectador, ganharam força no Quatrocentos.

Na sua preleção Policiano revelou-se filósofo, literato, crítico e gramático. Deixou um documento valioso e dá testemunho sobre o que significou ser filósofo no Quatrocentos. Apontou a tarefa de outros ofícios no humanismo, cultivados pelos renascentistas. No seu caso, não reclama para si a denominação de filósofo, mas, sim, a de gramático ou “se quiserem, um filosofastro, ou nem sequer isso...” (POLICIANO [1493], 1996, p. 16). As Lâmias, parecendo homens, passaram à frente dele:

Observaram-me fixamente e se detiveram. Aparentando indiferença, curiosas, me examinaram de alto a baixo como fazem as pessoas que vão às compras. De repente, com espanto, sussurraram: “Ah! É Policiano. O próprio. O Ipse. O charlatão Policiano que de repente se meteu a filósofo”. Dito isso, voaram como vespas que, antes, cravaram o ferrão

Para formar um **vir bonus**, Policiano utiliza três substantivos: **cura** (cuidado), **disciplina** e **tutela**. O primeiro termo designa os cuidados corporais de higiene e de saúde e, também os do espírito. A disciplina é indispensável à aquisição da aprendizagem. O terceiro substantivo, **tutela**, é a salvaguarda moral do aluno. Ele busca as bases em Cícero, no “**De Oratore**”, em que o objetivo educacional é formar o futuro orador, o homem da palavra” (MAÏR, 1996, p. 42).

Quintiliano orientou a pedagogia de Policiano. Na sua obra “*De Institutione Oratoria*” está o objetivo: formar o orador perfeito, o qual não pode existir se não for um homem de bem. Na certeza de Policiano, para que isso ocorra, deve-se utilizar a poesia. A assimilação da poesia à pedagogia é capital. A atividade de Pietro, futuro para Leão X, consiste em educar-se ao redor dos poemas (**carmina detornat**).

Policiano afastou-se de Lourenço e da corte; renunciou à ação social; retirou-se para o universo da filologia e, por meio dessa ciência, assume a filosofia. A educação coletiva e social cede lugar à educação particular. A era do humanismo ativo, combativo e coletivo havia passado. Por meio das doutrinas antigas, ele sonha formar um **vir bonus**.

Toma emprestado dos epicuristas o sentido do justo equilíbrio; de Quintiliano, a medida; de Homero, a intuição do sagrado; e de Virgílio, a fé na beleza do mundo, a *pietas* (MAIER, s/d, p. 37).

A formação passa pelo domínio da palavra, pelo convencimento, encantamento, sensibilização. A poesia posiciona-se como prioritária na educação; a filosofia e a retórica lhe dão o apoio necessário para conseguir seus objetivos de formar um homem bom.

Considerações Finais

As obras de arte de Florença, a filosofia e a poesia, a instituírem a pedagogia de Policiano, estavam objetivadas em seu ser temporal-histórico. Apareceram como criação positiva para o desenvolvimento do ser do homem e como processo de autoprodução do indivíduo. Modelaram a universalização do aluno. A proposta educacional foi fazer das obras de arte, da filosofia e da poesia seu objeto e seu conteúdo.

Ao final, uma palavra sobre a fábula da caverna, contida em Lâmia. O resumo e a adaptação que Policiano fez da alegoria de Platão nos deixam perplexos. As modificações que introduziu na alegoria da caverna de Platão (capítulo VII da “República”) é surpreendente. Atribuiu-a a Jâmblico, o siríaco neoplatônico. Ele não conhecia o texto de Platão?

Boécio, em 520, já traduzira a República para o latim. Marsílio Ficino, em 1477, constituiu Platão como o mestre a ser seguido e traduziu várias obras de Platão com comentários escritos. Policiano pertenceu à academia platônica de Florença, animada por Marsílio, e não conhecia o capítulo VII da “República”, atribuindo-a a Jâmblico, que modificara o texto original?

Este artigo, antes de ser publicado, foi apresentado e discutido no Programa de Pós-Graduação na Universidade Estadual de Maringá, que, à época, abrigava e ainda abriga vários estudiosos do medievo, e lá surgiram duas explicações que acrescento ao texto. A “República” continha algumas teses que não eram bem aceitas no Quatrocentos e, por isso, Policiano teria evitado a referência ao autor original. Além disso, como ele próprio foi um gramático e um intérprete de Platão, entende-se que, à época, era comum citar o intérprete e não o autor.

Policiano apresentou um conteúdo volumoso, à base das artes florentinas, das festas da cidade e dos lindos poemas antigos e atuais. É a poesia, porém, que deu a exata

proporção e o justo equilíbrio das ações humanas. São as artes poéticas e a arquitetura, unidas à retórica e à filosofia, que dão corpo à pedagogia.

Escreveu não se preocupar com as críticas e os mexericos que lhe fizeram as Lârnias, isso é, o grupo de florentinos. Considerou-os como “as sombras, que ainda que se agigantem ou se apequenam, não conseguem aumentar ou diminuir o corpo donde procedem. Assim, não somos melhores porque somos elogiados, nem piores porque somos objeto de injúria” (POLICIANO [1493], 1996, p. 13).

Policiano utilizou a simbologia das corujas, ao final de seu texto. Delas, todos podemos aprender alguma coisa: “Sábias, sábias de verdade, eram somente as corujas antigas. Hoje em dia, há muitas corujas, sim, mas que de tais têm apenas as plumas, os olhos e o bico; a sabedoria, no entanto, não a possuem” (POLICIANO [1493], 1996, p. 16).

Referências

- AGAZZI, A. **Educare**. Brescia: “La Scuola” Ed., 1952.
- ARRESE, M. C. **El Renacimiento**. Madrid: Melsa, 1985.
- BRANCA, V. **Poliziano e l'umanesimo della parola**. Torino: Einaudi, 1983.
- BRAUDEL, **Le Modèle Italien**. Paris: Flammarion, 1994.
- BURCKHARDT, J. **A Cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CANALS VIDAL, F. **Historia de la Filosofia Medieval**. Barcelona: Herder, 1985.
- CHASTEL, A. **Art et Humanisme a Florence au temps de Laurent, le Magnifique**. Paris: Presses Universitaires, 1959.
- DELUMEAU, J. **A Civilização do Renascimento**. Lisboa: Estampa, 1994. v. I e II.
- FLASCH, K. **Introduction à la philosophie médiévale**. Fribourg: Éd. Universitaires, 1992.
- FRANCO, F. M. **El Arte en el Renacimiento**. Madrid: Anaya, 1990.
- FUMAROLI, M. **L'Age de l'éloquence**. Genève: Droz, 1980.
- GARIN, E. **Ciência e vida civil no Renascimento italiano**. São Paulo: UNESP, 1994.
- GARIN, E. **L'Educazione in Europa: 1400-1600**. Bari: 1957.
- GRABAR, A. **Les Voies de la création en iconographie chrétienne**. Paris: Flammarion, 1979.
- HELLER, A. **O Homem do Renascimento**. Lisboa: Ed. Presença, s.d.
- HOFF, S. A Atividade humana e a objetividade social. **Educação e Sociedade**, Campinas: CEDES/Papirus, ano xv, abril, 1995, p. 93-104.
- HOFF, S. A Pedagogia Objetual. **Apontamentos (UEM)**, Maringá, v. 11, n.1, p. 139-146, 1991.
- HOFF, S. O Pensamento Burguês na Organização do Trabalho Didático Moderno. **Revista Práxis Educativa**. Ponta Grossa: Editora UEPG, v. 3, n.1, p. 43-54, jan-jun, 2008
- KOFLER, L. **Zur Geschichte de bürgerlichen Gesellschaft**. GMBH Verlag, 1971.
- KRISTELLER, P. O. **Humanismus und Renaissance**. Munchen: UTB Uni-Taschenbucher, 1976. v. I e II.
- MAIER, I. **Politien, la formation d'un poète humaniste**. Genève: Droz, p. 36.
- MAIR, I. **Ange Politien**. Genève: Librairie Droz, 1966.

- MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 3. ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humana, 1982.
- MORAVIA, S. **Educazione e pensiero**. Firenze: L'Arte della Stampa, 1991. v. II.
- MÜLLER, G. **Mensch und Bildung**. Baden-Baden: Verlag Valentin Koerner, 1984.
- OPERA Omnia Angeli Politiani**. Biblioteca di Lettere. Università de gli Studi di Firenze.
- PAYEN, J. C. **Les origines de la Renaissance**. Paris: 1969.
- PIÑERO, J. M.L. **La Revolución Científica**. Madrid: Carlos Noblejas, 1989
- RAMALHO, A. da C. **Instituição de Alta Cultura**. Coimbra: 1969.
- ROLOHOWEN, J. **Concordanze delle poesie italiane di Angelo Polizianus**. Firenze: F. Cesati, 1986.
- ROSSI, P. **A Ciência e a filosofia dos modernos**. São Paulo: UNESP, 1992.
- SANTRIDIAN, P. R. **Ângelo Poliziano: 1454-1794**. Madrid: Alianza, 1986.
- SICHEL, E. **O Renascimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- SKINNER, Q. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- VÉDRINE, H. **As Filosofias do Renascimento**. Publicações Europa-América, s.d.



www.icgilbertoluizalves.com.br/